

**Piatai Datai – no tempo de Makunaimî**  
**Arte, Ensino e Comunidade em uma Galeria de**  
**Arte Indígena Contemporânea de Roraima**

*Piatai Datai – in the age of Makunaimî*  
*Art, Teaching and Community in a Contemporary Indigenous Art Gallery of Roraima*

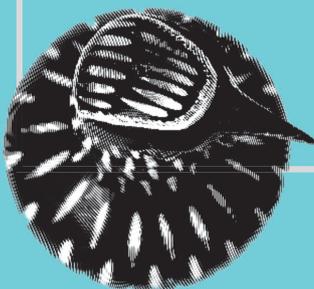
Luís Müller Posca  
luis.posca@ufr.br  
José Bezerra de Brito Neto  
josefbritos0@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar resultados das experiências culturais, artísticas e educacionais empreendidas pelo componente de Estágio Supervisionado na galeria de Arte Indígena Contemporânea do artista Macuxi Jaider Esbell e na Galeria do Sesc em Boa Vista – Roraima (2019), pelos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, a partir de práticas, mediações multidisciplinares e decoloniais empreendidas na exposição "Piatai Datai", sob curadoria do artista juntamente com Paula Berbert. Curadoria e educativo foram transformados em territórios de fronteiras fluidas, diálogos, disputas e negociações em torno da trajetória do artista, sua produção visual, suas cosmologias e cosmovisões pertencentes à ancestralidade do povo Macuxi. Os trabalhos que compuseram a mostra investigavam as narrativas de transformação e ressurgimento dos antepassados do artista e da comunidade desde os tempos antigos até os dias atuais, fomentando práticas e mediações transpedagógicas e interdisciplinares no campo do ensino.

*Palavras-chave:* Arte Indígena Contemporânea. Ensino de Arte. Estágio Supervisionado.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the results of cultural, artistic and educational experiences undertaken by the Supervised Internship component at the gallery of Contemporary Indigenous Art by the Macuxi artist Jaider Esbell and at the Sesc gallery in Boa Vista – Roraima (2019); by students of the Degree in Visual Arts from the Federal University of Roraima - UFRR. From practices, multidisciplinary and decolonial mediations undertaken in the exhibition "Piatai Datai", curated by the artist together with Paula Berbert. Curation and educational work were transformed into territories of fluid borders, dialogues, disputes and negotiations around the artist's trajectory, his visual production, his cosmologies and cosmovisions belonging to the ancestry of the Macuxi people. The works that made up the exhibition investigated the narratives of transformation and resurgence of the artist's ancestors and the community from ancient times to the present day, fostering transpedagogical and interdisciplinary practices and mediations in the field of teaching.

*Keywords:* Contemporary Indigenous Art; Art Teaching; Supervised internship.



## Introdução

*Jaider, o que é uma comunidade para você? Comunidade é uma rede de relações, respondeu ele, sem titubear.*

*(BERBERT, 2021, p.10)*

Este texto, antes de toda e qualquer contribuição às questões da Arte Indígena Contemporânea – A.I.C., singelamente também tem sua razão de ser como uma merecida homenagem à memória, à potência e à grandeza de Jaider Esbell. Artista, curador, ativista dos direitos indígenas, produtor cultural, pensador contemporâneo e um dos maiores teóricos e expoentes da A.I.C.

Natural de Normandia, na terra indígena Raposa Serra do Sol, no estado de Roraima, o artista nasceu em 1979. Mudou-se para Boa Vista aos 18 anos, quando já havia participado de diversas articulações dos povos indígenas e de movimentos sociais. Consolidou-se, nos últimos anos, como uma das figuras centrais da A.I.C. no País. Jaider, que nos abandonou precocemente, no ano de 2021, deixa um profundo legado de obras e discussões que permanecerão germinando nos quatro cantos do planeta a partir de suas raízes fincadas em Roraima, de sua arte, que gostava de denominar como artivismo e, sobretudo, através de sua vida dedicada às causas dos povos indígenas. Causa esta que, sabemos, não se encerra com sua partida rumo ao encontro com seu avô Makunaimî.

Além dessa merecida homenagem ao artista, temos a intenção nesta escrita de fazer um registro de uma das últimas ações expositivas realizadas por ele em território roraimense, mais especificamente na cidade de Boa Vista – em sua galeria de arte indígena contemporânea, com a exposição "Piatai Datai: no tempo de Makunaimî", mostra que realizou em parceria com o Sesc-RR, no ano de 2019, cuja curadoria dividiu com Paula Berbert.

Consideramos esse momento, em especial, como um ponto chave de mudanças no mundo e na arte de Esbell, que viriam a acontecer na sequência 2020-2021, desde o distanciamento social ocasionado pela pandemia de Covid19, a mudança do artista de Boa Vista para a cidade de São Paulo até se tornar “a espinha dorsal da 34ª Bienal de São Paulo”, adiada por um ano (2020-2021), até alçar seu mais alto voo em novembro de 2021.

Desde 2009, quando Jaider apresentou a obra literária Terreiro de Makunaima. Mitos, lendas e histórias em vivências, o trabalho do artista envereda por diversas linguagens e envolve diversos atores que congregavam ações. Makunaimî é uma espécie de convite lançado ao

público, e Jaider questionava o sequestro dessa entidade – ancestral comum a vários povos – pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg e por Mário de Andrade, que usou Grünberg como fonte, e, ainda, pela história da arte brasileira de um modo geral. Esbell publicou um texto na revista acadêmica *Iluminuras*, intitulado "Makunaima, o meu avô em mim!1", onde refutava a interpretação do personagem como preguiçoso e sem caráter e, sendo seu descendente direto, propõe-se a trazer dimensões indígenas à compreensão desse ser: "tanto meu avô Makunaima quanto eu mesmo, parte direta dele, somos artistas da transformação. [...] Quando assumo e reivindico o meu laço familiar com Makunaima, estou convidando a ir além no discutir decolonização" (ESBELL, 2018, p. 1 - 12). Agentes indígenas como: artistas, filósofos, ativistas e escritores elaboram minuciosamente a tomada da narrativa sequestrada visualmente e discursivamente da cultura indígena realizada pelos artistas e escritores pertencentes ao centro geopolítico das artes brasileiras como a cidade de São Paulo, celebrados pelo mito canônico da Semana de Arte Moderna de 1922. Artistas Indígenas Contemporâneos, como Jaider Esbell, são pioneiros na elaboração de práticas e métodos que evidenciam os efeitos negativos e eurocêntricos de um evento que cristalizou a figura do indígena em imagens, cores e escritos passivos e letárgicos.

Esses agentes são produtores de ferramentas transdisciplinares, subversivas, decoloniais e anticoloniais que ativam universos singulares, cosmológicos e ancestrais, capazes de estimular novas formas e métodos de compreensão do mundo. Novos territórios são erguidos, e essa reterritorialização questiona os centros geopolíticos das artes e os ideais colonizadores do moderno.

No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, o modernismo nunca esteve tão aberto, explodindo em práticas e experiências estéticas e culturais que fazem da A.I.C. um grito comunitário de rupturas, de desvios, de dribles. Como Jaider Esbell mencionou em entrevista, "a comunidade é uma rede de relações" (BERBERT, 2021, p.10), e são essas redes de sociabilidades que alargam repertórios conceituais, temporais e geográficos em um país continental onde a ancestralidade passa a ser o presente e o futuro de diversos grupos. Ou seja, a resistência no campo das artes é feita pela ideia de comunidade que estrutura coletivos capazes de erguer táticas e práticas desviantes diante de um modernismo centrado nos exemplos do Sul e Sudeste do Brasil. O objetivo de nosso artigo é, portanto, analisar alguns resultados de experiências culturais, artísticas e educacionais por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, empreendidas pelo

componente curricular de Estágio Supervisionado I, no ano de 2019, na galeria de A.I.C. do artista Jaider Esbell e na Galeria do Sesc na cidade de Boa Vista – Roraima a partir de práticas e mediações multidisciplinares e decoloniais empreendidas na exposição "*Piatai Datai: no tempo de Makunaimi*", público e Jaider questionava o sequestro dessa entidade – ancestral comum a vários povos – pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg e por Mário de Andrade, que usou Grünberg como fonte, e, ainda, pela história da arte brasileira de um modo geral. Esbell publicou um texto na revista acadêmica *Iluminuras*, intitulado "Makunaima, o meu avô em mim!1", onde refutava a interpretação do personagem como preguiçoso e sem caráter e, sendo seu descendente direto, propõe-se a trazer dimensões indígenas à compreensão desse ser: "tanto meu avô Makunaima quanto eu mesmo, parte direta dele, somos artistas da transformação. [...] Quando assumo e reivindico o meu laço familiar com Makunaima, estou convidando a ir além no discutir decolonização" (ESBELL, 2018, p. 1 - 12).



**Figura 1** – Cartaz da exposição *Piatai Datai - No tempo de Makunaimi*.  
**Fonte:** ESBELL (2019).

“*Piatai Datai*: no tempo de *Makunaimî*” foi compreendida por Esbell como uma mostra em torno das suas pesquisas e trajetórias no território em que habitava, as terras da comunidade Raposa Serra do Sol, de etnia Macuxi, situadas no município de Boa Vista – Roraima. No momento da exposição (2019), o artista celebrou e questionava os dez anos da busca por seu avô – Makunaimî, sendo pela natureza o caminho que deveríamos percorrer e nos guiar para o encontro e construção de novos sentidos e formas de apreensão de um mundo ancestral. Sua relação com as temporalidades e novas estéticas colocava a produção canônica do campo das artes em suspensão, reivindicando um lugar de fala e de escuta que fosse capaz não só de possibilitar visibilidade a esses agentes indígenas, mas de elaborar um campo formativo, repleto de novas pedagogias e culturas capazes de romper com os manuais eurocêntricos de história da arte e de ensino de arte no Brasil.

### **Jaider Esbell – entre cosmologias, comunidade e ensino**

De acordo com a antropóloga Goldstein (2019), o recente aumento da presença de questões e artistas indígenas na cena da arte contemporânea brasileira é, em parte, fruto de cruzamentos disciplinares. Resulta do encontro entre modos de viver e pensar radicalmente diferentes, que parecem encontrar na arte uma plataforma de comunicação ou de equivocação. A compreensão de um fenômeno tão multifacetado demanda reflexões transdisciplinares e transepistêmicas, ferramentas e experiências de diferentes origens e campos do conhecimento.

Desde 2009, quando Jaider apresentou a obra literária *Terreiro de Makunaima – Mitos, lendas e estórias em vivências*, o trabalho do artista envereda por diversas linguagens e envolve diversos atores que congregavam ações. Makunaimî é uma espécie de convite lançado ao público, e Jaider questionava o sequestro dessa entidade – ancestral comum a vários povos – pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg e por Mário de Andrade, que usou Grünberg como fonte, e, ainda, pela história da arte brasileira de um modo geral. Esbell publicou um texto na revista acadêmica *Illuminuras*, intitulado “Makunaima, o meu avô em mim!<sup>1</sup>”, onde refutava a interpretação do personagem como preguiçoso e sem caráter e, sendo seu descendente direto, propõe-se a trazer dimensões indígenas à compreensão desse ser: “tanto meu avô Makunaima

---

<sup>1</sup> <sup>1</sup> Ver em: ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11- 39, jan./jul., 2018.

quanto eu mesmo, parte direta dele, somos artistas da transformação. [...] Quando assumo e reivindico o meu laço familiar com Makunaima, estou convidando a ir além no discutir decolonização” (ESBELL, 2018, p. 1 - 12).

Segundo Jaider, as artes indígenas, tal como o manejo tradicional da espiritualidade, são um conjunto de tecnologias para manter as relações com a terra. A memória antiga e a continuidade presente dessa relação talvez sejam as maiores forças movimentadas pela A.I.C., um convite e um lembrete que os artistas indígenas de Roraima nos fazem: tecer relações com a terra, ser dela parentes, fazer comunidade com ela.

É nesse ideal de comunidade que podemos acionar a base dos referenciais curatoriais e deslocamentos epistemológicos da produção artística de Jaider Esbell, que sempre manteve sua galeria aberta para um diálogo com as escolas, instituições de cultura e sociedade civil, como o caso dos alunos e professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, que encontraram na galeria de Jaider e no seu projeto *Piatai Datai* um espaço de acolhimento e reflexões no campo da arte-educação para produzir uma potente experiência de mediação cultural, social e política no estágio supervisionado.

---

Nas últimas décadas, as produções de arte contemporânea de fora da Euro- América têm sido exibidas cada vez mais em vários museus e bienais, e o chamado modelo global contemporâneo de exposições de arte tem sido a norma desde os anos 1990. Recentemente, museus euro-americanos têm tentado trazer "outros modernismos" em suas programações de exposições e coleções, o cânone do terceiro mundo no cânone do Sul Global, ainda que constituído pelos principais modernistas e figuras do século XX das histórias da arte metropolitanas da América Latina, Ásia e África. Toda essa reavaliação, por sua vez, se baseia bastante na pesquisa histórica, curatorial, educacional e crítica sob as nomenclaturas de arte e globalização, histórias da arte global, estudos da arte mundial, modernidades plurais, múltiplas modernidades, modernidades alternativas, modernismos cosmopolitas e outros. Mas o desafio persiste: encontrar outras ferramentas, modelos e conceitos para avaliar outras narrativas além da crítica e da história eurocêntricas.

Ao lançar o olhar sobre os ensinamentos/aprendizagens das Artes Visuais, podemos visualizar uma hegemonia euro/nortecêntrica que pouco ou nenhum sentido/significado traz para o (re)conhecimento das realidades social, política, cultural, artística (em suas diversas expressões), latino-americanas. Desse ponto, é possível inferir que há, nas escolas de Educação

Básica e nas universidades brasileiras, um ensino/aprendizagem de Artes Visuais euro/nortecêntrica, reflexo de uma formação docente na mesma perspectiva: reprodutivista, acrítica e apolítica; que reclama um pensar decolonial, que não significa a deslegitimação do conhecimento europeu/estadunidense, mas a legitimação de epistemologias outras da/na América Latina.

Pensar uma epistemologia outra, desde o sul/*sur*, requer pensar a produção de conhecimentos e a criação de pensamentos que renunciem, de forma explícita e contundente, as generalizações universalistas hegemônicas que ocultam o particular, o plural, a geografia, o território, com formas de aproximação plurais que reconheçam e que legitimem o valor não só do conceito, mas que visibilizem e que legitimem, também, a ideia, a imagem, a não-palavra e o contraditório. Necessitamos de conhecimentos, pensamentos e discursos que transcendam a mera pretensão de construir teorias e que recorram à vontade dos latino-americanos e das latino-americanas de recriarem e de reinventarem o mundo.

E esses conhecimentos advêm das narrativas cosmológicas, por exemplo, do povo Macuxi, em que não há separação entre as coisas do mundo, o indivíduo e o coletivo, o espiritual e o material. Os mundos material e imaterial são muito facilmente transpostos. O subconsciente, a magia e o espiritual são campos de disputa e estão em conflito, segundo Jaider Esbell. “Macunaíma”, “Makunaima” e “Makunaimí”, como se grafa em *Pemón*, são ao menos três dimensões de teorias e realidades. Segundo relato de Esbell a Pappiani:

Minha infância é o núcleo de minha existência, de ter a memória como um recurso de projeção de mundo. Foi, e tem sido, a melhor fase da minha vida porque vem me alimentar de múltiplas vivências desses universos. Tive o privilégio de nascer e crescer na zona rural, fora da cidade, e pude desenvolver a intimidade com minha própria cultura, embora a necessidade de estar mais tempo na escola tenha me privado de um contato mais direto e melhor com a língua Macuxi. Por outro lado, pude usufruir do contato com a cultura, com as tradições e com a cosmologia. Venho dessa linhagem cosmológica do Makunaima. Na infância tenho os primeiros contatos com fragmentos dessa cosmologia, mas parte de minha pesquisa artística vem buscando enveredar ainda mais por essas infindáveis narrativas que se inter cruzam e compõe o bojo, o compute de nossa cosmologia, de nossa relação de mundo, de nossa chegada ao mundo. A escola [...] me afasta da minha cultura e me prepara para ser um indivíduo competitivo, o que é totalmente diferente da educação na comunidade, que é voltada para a coletividade (2021, n.p.).

A escola entra com um papel determinante na vida desse artista, pois, ao mesmo tempo que ela não deixa de apartá-lo do mundo Macuxi, acaba possibilitando uma conexão com o mundo não indígena de uma forma mais autônoma, por meio das leituras que a alfabetização o

proporcionou. Jaider foi alfabetizado em casa, pela mãe e irmãs que também o introduziram nas operações matemáticas. Quando ele vai para a escola já tem uma certa base; a escola proporcionou outra visão, a possibilidade de ampliar os horizontes, mas não é uma relação unicamente de bem-querer. Ela, além de introduzir muitos assuntos que não condizem com a realidade do seu povo, ainda o afastava da sua cultura e o preparava para ser um indivíduo competitivo, o que é totalmente diferente da educação na comunidade, que é voltada para a coletividade, para a interação.

Diante desse encontro entre dois mundos diferentes, entre agências tão complexas, a galeria de A.I.C. desloca um potente debate para o território da educação, mais precisamente do ensino de arte, convocando estudantes de artes visuais da UFRR para auxiliarem na elaboração de mediações culturais capazes de aproximar o público do universo ancestral de *Piatai Datai* com uma linguagem que subvertia os cristais das metodologias e narrativas clássicas da história da arte, da teoria da arte e da sociologia da arte eurocentradas. Surge daí uma parceria com o componente curricular de Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, uma operacionalização repleta de negociações, observações, vivências e construções de mundos possíveis para o campo das artes e da educação.

### **O encontro de *Piatai Datai* com o Estágio Supervisionado**

O curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR, situado nesse contexto de grande efervescência cultural, espaço de trânsitos diversos em uma região transfronteiriça que reúne uma forte matriz cultural indígena, migrante e imigrante como potencializadores de uma identidade cultural roraimense, traz em seu currículo, desde os primórdios do curso (2010), um de seus componentes curriculares, o Estágio Supervisionado I, destinado a promover a articulação entre o espaço escolar e as instituições/espços culturais vinculados ao campo das Artes a partir da elaboração de um Projeto de Mediação cultural.

Nesse sentido, compreendemos os estágios desse curso, sobretudo, como pesquisa. No caso desse primeiro estágio, a proposta é inserir o estudante em seu campo profissional, mais especificamente, que os acadêmicos experienciem uma vivência em espaços culturais, em ateliês, instituições museológicas, espaços de exposição, galerias, centros culturais e de pesquisa, desde que estabeleçam relações com o ensino. Compreendemos, portanto, o estágio como lugar de pesquisa, de aprendizagem e de confronto com problemas e questões do dia a

dia da profissão, configurando-se como um ambiente prioritariamente reflexivo no âmbito de nossa realidade acadêmica. O Projeto de Mediação cultural consiste, então, em uma proposta pedagógica de articulação entre escolas e instituições/espços culturais a ser elaborada e desenvolvida pelo discente.

Em um mundo pré-pandêmico, quando as aproximações e os afetos eram o nosso normal, lançamo-nos ao desafio de desenvolver com os estudantes desse estágio uma vivência única de imersão, curadoria e mediação cultural da exposição *Piatai Datai: no tempo de Makunaimi*<sup>2</sup>. A articulação para que essa ação tivesse sucesso parte da aproximação com o analista de cultura e produtor executivo da exposição no Sesc-RR, que, naquele momento, já vinha desenvolvendo ações conjuntas com o curso de Artes Visuais, como o Seminário de Arte Contemporânea e, posteriormente, o salão universitário e outras proposições com nosso componente de estágio.

Quando nos aproximamos dessa ação expositiva, percebemos que o período da disciplina de estágio seria contemplado pelo mesmo período da exposição. Logo, organizamos a parte documental a fim de que os estudantes pudessem desenvolver suas

---

<sup>2</sup> Selecionada pelo Edital NCL 002/2019, a Exposição ‘Piatai Datai – no tempo de Makunaimi’ de Jaider Esbell (RR), aconteceu de 02 ago. a 01 nov. de 2019 e ocupou simultaneamente dois espaços expositivos em Boa Vista-RR: a Galeria Jaider Esbell de A.I.C. e a galeria adaptada na Sede Administrativa do Sesc (SESC, 2019).

vivências iniciais, que hoje podemos dizer que foram vivências únicas, uma vez que não poderão mais ser repetidas, e assim planejar as ações de mediação da exposição.

Comemorando dez anos de ativismo indígena contemporâneo, *Piatai Datai* pode ser abrangida como mostra, pois trouxe, em parte, a pesquisa trajetória do artista Jaider Esbell e seus contextos. Pode ser compreendida, também, como exposição, trazendo como tema as narrativas desses dez anos do povo indígena Macuxi, sobre o “tempo dos antigos”.

*Piatai Datai* destacou-se pela singularidade no pensar e narrar temporalidades. De acordo com Esbell: “os trabalhos que compõem essa mostra investigam as narrativas de transformação e ressurgimento do antepassado desde o tempo antigo até os dias atuais, destacando sua relação com as forças vivas do lavrado” (SESC, 2019, n.p.).

A expografia da mostra conduziu os visitantes a passearem pela trajetória do artista, convidando-os a adentrar sua dimensão dos sonhos. Podemos dizer que essa exposição

---

<sup>2</sup> Selecionada pelo Edital NCL 002/2019, a Exposição ‘Piatai Datai – no tempo de Makunaimi’ de Jaider Esbell (RR), aconteceu de 02 ago. a 01 nov. de 2019 e ocupou simultaneamente dois espaços expositivos em Boa Vista-RR: a Galeria Jaider Esbell de A.I.C. e a galeria adaptada na Sede Administrativa do Sesc (SESC, 2019).

acendeu alertas diversos no que tange às questões urgentes de nossa vida cotidiana – “Quem vê sente que não tá nada bem e que precisamos rebuscar a magia para refrear o mundo da dor” (ESBELL, 2019, n.p.).

Diante de um contexto no qual as perspectivas para o futuro já eram incertas e desafiadoras, mal sabíamos o que estava por vir no ano de 2020. A exposição selecionou obras do artista que investigavam narrativas de transformação e de ressurgimento do antepassado, desde o tempo antigo até os dias atuais, destacando sua relação com as forças vivas do lavrado e que presentificavam outras formas que seu avô, Makunaimî, tem de experimentar o tempo e a paisagem circum-roraimense (SESC, 2019).

Trazendo as palavras do artista sobre o processo curatorial de *Piatai Datai*, ele afirmou que:

Propomos assim uma fruição itinerante do público entre esses dois espaços, fortalecendo o circuito de pessoas e parcerias entre as instituições culturais de Boa Vista. Com *Piatai Datai*, esperamos constituir um contexto para que visitantes expandam criticamente sua percepção temporal, para além da escrita e da história colonial, resgatando a memória daquele fundo comum que partilhamos com a floresta e com os que nela vivem, que também é o fato de sermos contemporâneos nesse grande mundo (ESBELL, 2019, n.p.).

Nesse sentido, podemos visualizar a convergência desses dois pontos de encontro cultural e as intenções do artista ao propor essa reunião e itinerância. Como já dissemos, essa convergência de ações desemboca mais precisamente no campo do ensino da arte. Além disso, acrescentamos mais uma convergência a esse encontro a partir do convite aos estudantes de artes visuais da UFRR para auxiliarem na elaboração de mediações culturais, sendo capazes de aproximar o público do universo ancestral de *Piatai Datai* com uma linguagem que subvertesse os cristais das metodologias e narrativas clássicas da história, teoria e sociologia da arte eurocentradas. É aí que se concretiza a parceria com o componente curricular de Estágio Supervisionado I. Na sequência, trazemos aspectos relacionados às práticas de mediação cultural realizadas pelo grupo de estagiários.

## **Ações de mediação cultural no Estágio Supervisionado**

Ao todo, nossa turma de estagiários no semestre 2019.2 contou com nove acadêmicos participantes. Antes de adentrarmos algumas das práticas de mediação culturais de alguns desses estudantes, destacamos, primeiro, três grandes momentos das vivências com o artista que esses estudantes tiveram a oportunidade de aproveitar no semestre em questão.

Após o estudo teórico acerca dos processos de mediação cultural e leituras prévias sugeridas pelo analista de cultura do Sesc-RR, aconteceu a primeira visita à galeria-residência de A.I.C. de Jaider Esbell. Nessa ocasião, foi promovida uma roda de conversa com o artista e com Paula Berbert sobre os processos de mediação, a escolha das obras e a montagem da exposição nessa itinerância entre as duas galerias. Foi explanada, também, a proposta da exposição, que buscava o resgate à ancestralidade através das narrativas do povo indígena Macuxi sobre o tempo dos antigos, da temporalidade indígena que caminha de forma mais lenta e contemplativa, das lutas de resistência dos povos indígenas e preservação do nosso planeta.

No segundo encontro, os acadêmicos foram convidados a participar de um curso de formação para a mediação da exposição unindo o artista, estagiários e os demais organizadores da exposição. Esse curso teve início com a imersão dos estagiários na cultura Macuxi, de modo que, inicialmente, foi preparado um almoço típico de sua culinária: damurida com beiju, preparado pela Vovó Bernaldina – mãe adotiva de Jaider Esbell.



**Figura 2** – a) Primeiro contato, b) visita à galeria, c) segundo encontro e, d) preparação da damurida.

**Fonte:** a) Ferraz e Lavôr (2019); b), c) e d) Freitas (2019).

Além da degustação da típica damurida, ocorreu, também, um debate com os curadores e, ao final, foi proposto aos estagiários explorar a exposição na galeria de A.I.C., finalizando a visita na biblioteca com alguns vídeos de Ailton Krenak e do próprio Jaider. Para o artista, “A galeria é parte desta exposição de trajetória e sua fundação desde 2013 com plena presença na expectativa da resistência é algo a mais a se comemorar. Mostramos seu acervo, a biblioteca e as possibilidades de se expandir ações de livre educação” (ESBELL, 2019, n.p.).

Um terceiro encontro de formação foi proposto antes das mediações dos acadêmicos. Agora, na galeria de arte do Sesc – RR com o analista de cultura e responsável pela mediação da

exposição, que recebeu os estagiários e mostrou o espaço da galeria por meio de uma visita guiada. Nesse momento, os acadêmicos percorreram todas as obras da exposição, e o analista foi explicando aos estagiários o que cada uma delas representava. Ao final, os alunos tiveram a oportunidade de observar o trabalho de um mediador bolsista, que realizava a mediação da mostra para uma turma da educação básica.



**Figura 3** – a) Intervenção de Jaider na galeria do Sesc, b) Mediador bolsista e c) atividade educativa  
**Fonte:** Biase (2019).

Em suma, o processo de mediação proposto pela equipe do Sesc para os grupos de visitantes (Escolas de 6º a 9º ano) consistia das seguintes etapas:

- 1º momento: receber os alunos e apresentar o espaço e a exposição, estabelecendo uma ponte de diálogo com perguntas: “Quem já visitou uma galeria?”, “Alguém conhece o artista Jaider Esbell?”, “Quem já foi a uma exposição de arte indígena?”.
- 2º momento: apresentar a exposição *Piatai Datai*, demonstrar o que essa exposição representa na carreira do artista, bem como estabelecer diálogo sobre a primeira obra da exposição “Malditas a Desejadas”, questões históricas, culturais e territoriais.
- 3º momento: mostrar uma foto do artista Jaider Esbell, momento importante para apresentar o sujeito político e artístico responsável pelos trabalhos que os alunos teriam contato juntamente da apresentação do vídeo “20 ideias para girar o mundo – Ailton Krenak” ou “A questão indígena”, para as turmas de 8º e 9º ano, para contextualização da exposição.

- 4º momento: deixar os grupos de alunos livres para circular pela exposição. Durante esse momento, eram estabelecidos alguns diálogos e surgiam algumas dúvidas dos alunos que eram sanadas pelo mediador.
- 5º momento: debater sobre algumas obras com os alunos, geralmente as com maior discussão eram os painéis coletivos: “o hipnotizador” e “as grávidas”.
- 6º momento: nas turmas de 6º e 7º anos, propor uma pequena atividade de reflexão, por meio de um papel em branco com a seguinte pergunta “Como adiar o fim do mundo? ”; nas turmas de 8º e 9º anos, debater sobre a exposição por meio da apresentação do vídeo “20 ideias para girar o mundo – Ailton Krenak”.

Após a exibição do vídeo ou atividade, estabeleceu-se um último diálogo com apoio da professora visitante sobre o que os alunos mais gostaram ou o que mais chamou atenção na exposição e as reflexões feitas. Essa proposição foi seguida pela maioria de nossos estagiários em seus momentos de regência de mediação pré- agendados com o analista de cultura.

Entretanto, destacamos na sequência duas ações de mediação realizadas por alguns desses estagiários, que foram capazes de demonstrar a potencialidade do processo educativo como uma ação para fora do espaço escolar, por meio das mediações culturais. Um deles aconteceu através da experiência de mediação com um grupo de oitenta estudantes do Ensino Médio, de um colégio militar, e o outro, por meio de uma parceria com a ONU-Mulheres, com a mediação com um grupo de dezenove mulheres venezuelanas, em sua maioria indígenas radicadas em Boa Vista, das etnias *Warao* e *Capon*.

Na ocasião da visita dos estudantes de Ensino Médio, acompanhada pelos mediadores bolsistas da instituição, nossa estagiária iniciou sua prática dividindo a turma em três grupos. A primeira parte da visita consistiu em uma conversa com o artista, que estava presente na ocasião. Na sequência, assistiram aos vídeos, debateram com o artista sobre temáticas que envolviam tanto as inspirações do artista como questões que envolviam a consciência ambiental. Depois, ficaram livres para visitar a galeria e sanar dúvidas com a mediadora.

Caminhando para o final da visita, os estudantes realizaram um lanche coletivo e deixaram todo o lixo produzido em um grande saco plástico descartável, para, então, retornar à sala de exposições e concluir a visita. Esse simples ato acabou se tornando a ação disparadora da atividade educativa proposta pela estagiária, como podemos verificar em seu relato de mediação: Com os alunos sentados em círculo, peguei o saco de lixo e lancei no meio do círculo como um elemento surpresa, questionando os alunos sobre o que deveríamos fazer com o lixo produzido, já

que a ideia conversava com parte da temática da exposição. As respostas dos alunos foram registradas nos papéis que distribuímos com a pergunta “como adiar o fim do mundo?” em referência ao livro de Ailton Krenak – Ideias para adiar o fim do mundo (FREITAS, 2019, p. 7).

No geral, as respostas obtidas pela mediadora refletiram os debates realizados na galeria, mostrando, assim, que os alunos tinham compreendido a mensagem do artista sobre a questão da consciência ambiental e a importância da sustentabilidade na preservação do espaço em que vivemos.

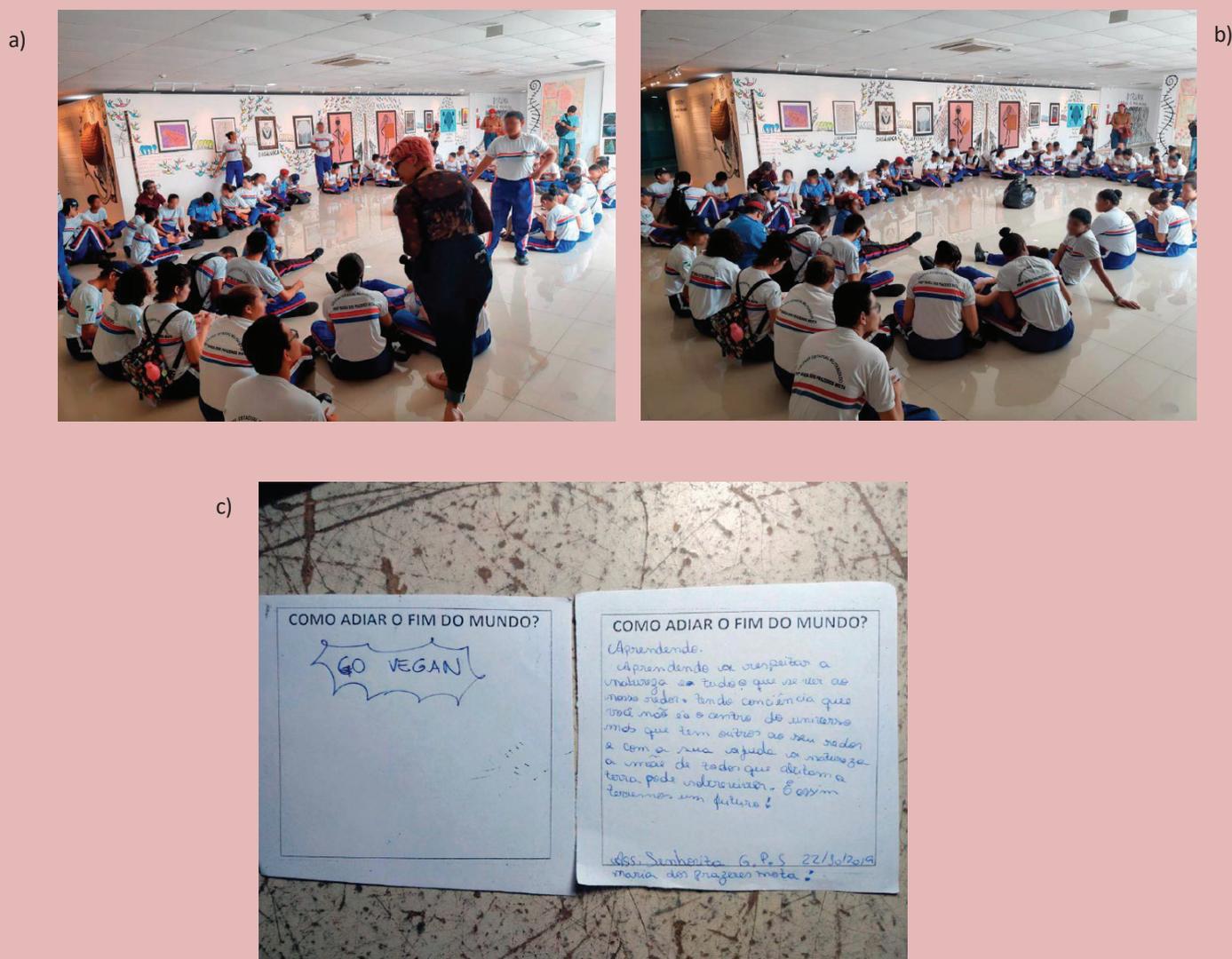


Figura 4 - a) mediadora e estudantes; b) disparador de mediação (saco de lixo dos alunos); c) Interações dos estudantes.

Fonte: Freitas (2019).

Nossa outra mediação em destaque, intitulado pelos estagiários como “o sagrado e as

fronteiras fictícias”, em parceria com a ONU-Mulheres, que atende o público de mulheres refugiadas, contou com a participação de uma diretora de fotografia venezuelana, devido ao fato de que a dupla de estagiários não dominava a língua espanhola. Após o grupo todo se apresentar, diferentemente das demais mediações citadas, os estagiários exibiram o curta “Nossas histórias no muro<sup>3</sup>”, direção de Adriana Duarte (intérprete). Essa escolha se deve ao fato de esse curta retratar o processo de criação de uma intervenção mural realizada no abrigo para venezuelanas Latife Salomão, um dos abrigos de migrantes venezuelanos da cidade de Boa Vista, nesse caso, exclusivo para o público de mulheres e população LGBTQIA+.



**Figura 5** – Apresentação dos mediadores e do curta “Nossas histórias no muro”  
**Fonte:** Ferraz; Lavôr (2019).

Na sequência, todo o grupo ficou livre para visitar a exposição de Jaider, tirando fotos dos quadros e dialogando com os mediadores sobre o nome dos elementos presentes nas pinturas em espanhol e português. Entre outras obras que os mediadores destacaram na visita, após a mediação do painel Lendas (2019), foi proposta uma atividade educativa com o grupo, solicitando que compartilhassem em papéis suas lendas, mitos, costumes etc. Por fim, cada participante contou o que seu desenho significava em sua cidade de origem. Algo parecido com o que os mediadores conseguiram ao dialogarem com as visitantes sobre o painel do Monte Roraima,

<sup>3</sup> “Nossas histórias no muro: Mulheres e arte na fronteira Brasil – Venezuela” produzido pelo coletivo La Mochila produções. Disponível em: <<https://vimeo.com/357470058>> Acesso em: 20 nov. 2019.

recebendo diversas respostas que demonstravam o que esse lugar significava para sua etnia ou lugar de onde vieram, de forma que os estagiários identificaram que foi uma unanimidade entre o grupo que o Monte Roraima carrega uma importância mística e ancestral para todas elas. “[...] para os de natureza fácil [a exposição] é um encontro de parentes. Entidades, visagens, vultos e representações. Ainda novidades nas mentes tão urbana” (ESBELL, 2019, n.p.).



**Figura 6** - a) visitação; b) educativo; c) mediação do painel e d) o sagrado  
**Fonte:** Ferraz; Lavôr (2019)

Após essa roda de conversa sobre o seu lugar sagrado, as visitantes evocaram essa temática através de escritas e desenhos que contavam o que era sagrado para si, seus desejos de retornar ao seu lugar de origem e da gratidão pelo acolhimento recebido no território de Boa Vista. Podemos dizer que esses diálogos produzidos com as indígenas e não indígenas venezuelanas, radicadas em Boa Vista, promoveram o convite que Esbell (2019, n.p.) nos fez enxergar os aspectos e sentir os reflexos de uma cultura viva universal do povo Makuxi, em seus contemporâneos, junto com “parentes” de tantos povos, seus amigos e aliados, os “Txaístas” do meio da jornada. Após isso, a mediação foi concluída com o grupo.

## Considerações finais

Uma galeria de arte é mais do que um espaço de exposição; é, também, espaço de mediações, negociações e disputas. São lugares que, por vezes, não se limitam ao ato de expor, todavia, podem agregar atividades múltiplas capazes de agenciar novos mundos e conceitos em torno da produção artística. As galerias de arte, sobretudo, são marcas vitais da diversidade cultural que se tem processado nos últimos tempos. Esses espaços têm caracterizado as transformações e trazido um dinamismo permanente das sociedades em mutação.

A galeria de A.I.C. de Jaider Esbell surgiu como um espaço coletivo independente, que possibilitou a continuação de ações de produção, pesquisa e extensão com artes. Foi território produtor de modelos pedagógicos e ações políticas capazes de alterar as paisagens e territórios do mundo das artes não só de Boa Vista ou da região Norte, mas, também, do Brasil e do mundo. Sua conexão com a educação – metodologias, didáticas, práticas – sempre foi fundamental para demonstrar o seu valor social de engajamento político em torno da população boavistense, haja vista que a obra desse artista sempre foi política, ancestral, dinâmica e conectada com diversas formas, devires e plataformas comunitárias.

Ressaltamos que um estágio supervisionado desenvolvido por meio da produção e exposição do artista indígena contemporâneo Jaider Esbell não estabeleceu um protocolo de via de mão única, no qual a universidade fornecia uma espécie de “mão de obra pronta” para aprendizagens verticalizadas e cartesianas. O estágio, como pudemos demonstrar nesse relato, foi integralmente pautado nas práticas das escutas, falas, criticidade, dimensões históricas, ancestralidades e respeito ao rico e potente universo das culturas indígenas do estado de Roraima.

Sobretudo, foi uma verdadeira imersão ao mundo dos sonhos do artista, no qual estagiários, curadores, produtores culturais, juntamente com a potente presença do artista, celebraram o encontro do público com esse momento de celebração dos dez anos de busca por seu avô, através dos caminhos do artista, guiados e percorridos pela natureza rumo ao encontro de novos sentidos de apreensão de um mundo ancestral. Nesse sentido, por meio da itinerância entre as galerias e mediações que buscaram a fuga ao tradicional, o estágio supervisionado obteve seu sucesso como ação de pesquisa e ensino-aprendizagem nesse contexto de pluralidade cultural que é Boa Vista-RR.

A natureza, as cosmologias, ecossistemas, políticas e cosmopolíticas são formas desenvolvidas e encontradas na obra de arte de Jaider que fizeram parte a todo o momento das

ações que articulam arte e educação. Como demonstramos ao longo do texto, Jaider produzia sua obra sem se dissociar das relações comunitárias que elas produziam, acionando e ampliando, constantemente, suas redes de sociabilidade em nome do diálogo, das relações afetivas, do ativismo, das visualidades e poéticas de povos que lutam para existir em uma sociedade extremamente racista.

De acordo com o próprio Jaider, sua produção e ele mesmo, enquanto artista e indígena, eram ambos um acontecimento artístico dentro de um processo que nos convidava a pensar criticamente a decolonização, a apropriação cultural, o cristianismo, o monoteísmo, a monocultura e todos os dilemas do existir globalizado. Dessa forma, sua trajetória e caminhada sempre estiveram ligadas ao outro, ao próximo e às formas comunicativas transdisciplinares. Esse foi um legado que deixou ao mundo da arte e que deve permanecer ecoando para as futuras gerações.

Para ele, o que estava sendo construído não eram espaços dados, mas, sim, conquistas construídas com muitas estratégias ao longo de muito tempo. A educação que ele recebeu para enxergar o mundo de forma diferente, muito cedo na sua infância, partia da consciência de que todos nós fazemos parte de um povo que está em guerra. Porque a responsabilização pela coletividade vem de muito cedo, sendo todos nós desafiados por toda violência que o mundo vem produzindo, uma ação em busca de uma trajetória. Dessa forma, consideramos que o encontro de *Piatai Datai* com o Estágio Supervisionado demarcou a elaboração política, estética, social, cultural e afetiva de formas de existir, elaborar e mediar o conhecimento artístico em torno da Arte Indígena Contemporânea.

## Referências

BERBERT, Paula. Reflexões em um observatório avançado da arte indígena contemporânea. In: **REVISTA SELECT: Floresta**. Arte e Cultura Contemporânea. São Paulo. 2021.

\_\_\_\_\_. **Tecendo redes de alianças afetivas: algumas notas sobre arte indígena contemporânea e práticas curatoriais**. 2019. Dissertação (Pós-graduação *Latu Sensu* em Estudos e Práticas Curatoriais) – Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, 2019.

BIASE, João Pedro Pimentel. **Relatório de estágio supervisionado I**. 2019. Relatório de Estágio Supervisionado (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista, 2019.

ESBELL, Jaider. Arte indígena contemporânea e o grande mundo. **Select**, São Paulo, n. 39, ano 7, 2018 (a), pp. 98-103.

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul., 2018.

ESBELL, Jaider. **Piatai Datai** – No tempo de Makunaimi. 2019. Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/08/01/piatai-datai-no-tempo-de-makunaimi/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

FERRAZ, Luciléia; Lavôr, Cláudio Chaves. **Relatório de estágio supervisionado I**. 2019. Relatório de Estágio Supervisionado (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista, 2019.

FREITAS, Pamella Thayanne de. **Relatório de estágio supervisionado I**. 2019. Relatório de Estágio Supervisionado (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista, 2019.

GEERTZ, C. **A arte como sistema cultural**. In: Idem. O Saber Local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GELL, A. A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. **Arte e Ensaios**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes – UFRJ, n. 8, 2001, pp. 174-191.

GOLDSTEIN, I. S. Da “representação das sobras” à “reantropofagia”: Povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. **MODOS**: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 3, n. 3, p. 68–96, 2019.

LAGROU, Els. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. Ilha. **Revista de Antropologia**, v. 5, n.2, dez. 2003, pp. 93-113.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. As alianças afetivas. Entrevista a Pedro Cesarino. In: **BIENAL SÃO PAULO: Incerteza Viva**. Dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, pp. 169-188.

PAPPIANI, Angela. **Resistência, arte e um Makunaíma na selva de pedra**. 2021. Disponível em: <<https://dev.outraspalavras.net/descolonizacoes/resistencia-arte-e-um-makunaima-na-selva-de-pedra/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

REVISTA SELECT. **Floresta**. Arte e Cultura Contemporânea. São Paulo. 2021.

SESC. **Sesc realiza exposição ‘Piatai Datai – no tempo de Makunaimi’ do artista roraimense Jaider Esbell**. 2019. Disponível em: < <https://www.sescrr.com.br/sesc-realiza-exposicao-piatai-datai-no-tempo-de-makunaimi-do-artista-roraimense-jaideresbell/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

**Luís Müller Posca**

Doutorando em Artes Visuais (UNB), Mestre em Artes (UFU) e Professor do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Contato: [luis.posca@ufrr.br](mailto:luis.posca@ufrr.br)

**José Bezerra de Brito Neto**

Historiador da Arte e Professor de História da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Contato: [josefbritos0@gmail.com](mailto:josefbritos0@gmail.com)